

Não perdemos, nos faltou tempo para vencer: futebol e neoliberalismo

We didn't lose, we didn't have time to win: football and neoliberalism

Fernando Sartori

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Porto Alegre. RS
ferzsartori@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3238-1819>

Amadeu de Oliveira Weinmann

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Porto Alegre. RS
weinmann.amadeu@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4162-9660>

Recebido em: 02 de junho de 2025

Aceito em: 22 de agosto de 2025

Resumo:

Este artigo analisa o impacto do neoliberalismo na cultura do futebol, abordando a transformação dos estádios em arenas padronizadas e a conversão do torcedor em cliente individualizado. Contextualizado pela crítica ao futebol-empresa, o texto problematiza como a lógica de mercado, a busca por controle (VAR, biometria) e a mercantilização (SAFs, apostas) ameaçam a identidade coletiva, a imprevisibilidade e o caráter popular do esporte. A finalidade é questionar a possibilidade de resistência e a manutenção da cultura de coletividade frente à gramática neoliberal. A metodologia envolve análise cultural e teórica e observação de fenômenos contemporâneos. Conclui-se que, apesar da homogeneização neoliberal, práticas como o futebol de várzea e a resistência cultural representam linhas de fuga e a persistência do futebol como espaço de encantamento e expressão comunitária.

Palavras-chave: Futebol. Neoliberalismo. Resistência.

Abstract:

This article analyzes the impact of neoliberalism on football culture, addressing the transformation of stadiums into standardized arenas and the conversion of fans into individualized customers. Contextualized by the critique of corporate football, the text problematizes how market logic, the search for control (VAR, biometrics) and commodification (SAFs, betting) threaten the collective identity, unpredictability and popular character of the sport. The aim is to question the possibility of resistance and the maintenance of the culture of collectivity in the face of neoliberal grammar. The methodology involves cultural and theoretical analysis and observation of contemporary phenomena. It is concluded that, despite neoliberal homogenization, practices such as amateur football and cultural resistance represent lines of escape and the persistence of football as a space of enchantment and community expression.

Keywords: Soccer. Neoliberalism. Resistance.

Uma cadeira brota do concreto. Milhares de cadeiras brotam do concreto. Ao longo do globo terrestre, essas cadeiras se parecem umas com as outras e cumprem a função de individualizar o espaço coletivo. Por um lado, a fragmentação das arquibancadas possibilita, pela via da disciplina, o controle dos corpos, tornando-os mais dóceis. Por outro, permite-se ao indivíduo frequentador de um estádio de futebol converter-se em um cliente fidelizado. O futebol-empresa, fruto das arenizações - isto é, o processo de modernização dos antigos redutos do esporte -, engole o bairro; tritura o misticismo e a superstição. Agora, o torcedor-cliente, munido de estatísticas acerca do desempenho dos jogadores e informações do mercado da bola, está mais preocupado em gravar com o celular o pênalti decisivo do que retê-lo na imprecisão da memória. Em meio a esse cenário, questiono a possibilidade de semear a capacidade disruptiva do futebol, sob o discurso do neoliberalismo. Pergunto: como assegurar a transmissão da cultura de coletividade no esporte perante o tempo imediato e nefasto do mercado? Como fazer do esporte uma ferramenta de resistência? E como sustentar a produção de linhas de fuga, sustentadas na experiência, daquilo que é compreendido como “futebol moderno”?

Não raro, quando criança, perdia os gols no estádio. Demorava-me naquelas barras verticais, influenciadas pelo outro lado do Rio Uruguai, cobrindo a multidão ensandecida que pulava e cantava sem parar; fitava, por longos minutos, os refletores que contrastavam com a avidez noturna; decorava as canções entoadas, a fim de me gabar e ensinar aos meus amigos, quando regressasse, à longínqua cidade que me esperava depois do término da partida. Perdia os gols e não havia *replay*; *in loco*, a materialidade do jogo me levava ao espanto. Ora, se a regra fundamental do futebol, meter a bola na baliza oposta por mais vezes do que o adversário, não parecia importar tanto, há uma quebra de expectativa. O que vale mais que o resultado? O imperativo ao gozo, na contemporaneidade, institui uma lógica utilitarista da vitória a qualquer custo. Negligencia-se, então, a importância da derrota na constituição psíquica do torcedor. O futebol é lúdico e didático: revela para as crianças a incompletude da vida e as instiga, desde cedo, a lidar com a brutalidade da falta. Não se pode ganhar o tempo inteiro. Por isso, atualmente, os pequenos torcedores, influenciados pelos vídeos-jogos e demais dispositivos virtuais, optam por acompanhar equipes europeias, onde há a ilusão de que se pode escapar da irremediável dor do fracasso. Sobre isso, Nick Hornby (2000, p. 183) sentencia que são precisamente as derrotas, em tardes tristes “[...] de março, que

dão sentido ao resto, e é justamente porque você já viu tantas dessas partidas que as outras, as que só vêm a intervalos de seis, sete ou dez anos, causam uma felicidade tão grande”.

Nessa linha, Simas (2017) narra a história de Mauro Shampoo: maior ídolo do pior time do mundo. O jogador foi o centroavante do Íbis Sport Club e anotou somente um gol em sua passagem na equipe, na derrota para o Ferroviário por 8 a 1. Para além de uma ode aos derrotados, o centroavante e o time - orgulhosos de seus fracassos - evidenciam que não necessariamente ofício e eficácia caminham juntos nos critérios adotados na idolatria dos torcedores. A condição que torna o futebol uma paixão, tal como se apresenta nos contextos latino-americanos, transcende ao que, objetivamente, se espera do jogo. Diante disso, proponho dois fragmentos. Primeiro, em 2021, na capital da província de Santa Fé, na Argentina, um torcedor apanha a urna cinerária de seu falecido pai e deposita, em meio às cinzas, o vinho guardado para a ocasião em que a equipe ganhasse o inédito título nacional. O elo, que transcende à matéria, de filiação com o pai e com o time independe da prerrogativa vencedora do Club Atlético Colón. Depois, durante a disputa dos jogos olímpicos de 2024, em Paris, chamou a atenção de quem acompanhava as decisões do futebol feminino o fato de a arbitragem conceder longos minutos de acréscimos nas partidas da seleção brasileira. Para além do intento das juízas de favorecer as equipes do norte global, a ideia de que cada instante perdido, ao longo da partida, possa ser metrificada e, posteriormente, acrescentada no final do tempo regulamentar é simplesmente aterrorizante.

O futebol é o único grande esporte coletivo em que o tempo de jogo não é rigidamente cronometrado. Logo, depende-se da interpretação do árbitro, a qual pode ser bem ou mal intencionada - mas, invariavelmente, salienta a relação dos torcedores com os limites que a vida nos coloca -, para qual minutagem será outorgada. Dessa forma, como foi no caso dos jogos olímpicos, a metrificação precisa do tempo de jogo, cujo fim é historicamente envolto de incerteza, acarretou espanto nos espectadores. O infamiliar, *Das Unheimliche* (Freud, 2019), sugere uma sensação de estranheza e inquietação, quando encontramos algo profundamente familiar, mas esquecido. O jogo, que sempre teve um caráter orgânico, imprevisível, passa a ser regido por um cálculo frio, revelando algo perturbador na tentativa de controlar o incontrolável. A contabilidade rígida do tempo perdido, pela adição nos acréscimos, além de desestabilizar a experiência do torcedor, expõe uma verdade incômoda — a ilusão de

domínio sobre o jogo. “Matar tempo”, expressão popular dentro das quatro linhas, é dissonante aos valores pregados pelo mercado: deve se otimizar o tempo e renegar as lacunas do ócio e da procrastinação.

Processo similar aos acréscimos ocorre na revolta dos apaixonados pelo esporte com o Árbitro Assistente de Vídeo (VAR), o qual tenta corrigir a condição desviante e disforme, constituinte do futebol. A razão iluminista e objetiva da arbitragem é incompatível com a indeterminação do jogo. Mediante as tecnologias da contemporaneidade que visam neutralizar o imponderável, invoco o traço que desvela o caráter ontológico do futebol: sua natureza anômala, em que impera a imprevisibilidade de inúmeras alternativas possíveis; a irrupção de uma singularidade, de um acontecimento, avesso às gramáticas contemporâneas. Tendo isso em vista, Wisnik (2008, p. 25) reflete acerca da insistência dos imperativos globalizantes, que intentam adotar medidas que “transformariam o futebol num esporte equivalente aos outros, e corrigiriam, com isso, aquilo que ele tem de triunfante anomalia na ordem mundial”. Afinal, são as pernas tortas de Garrincha que desafiam a métrica e não a anatomia corporal geométrica ancorada nos predicados científicos e estatísticos. Pouco valem os cálculos rigorosos de força e potência; os índices de massa corporal; os mapas de calor; os dados quantitativos do adversário, frente à criatividade de quem desafia a lógica, pois foi criado jogando em terrenos estriados e esburacados - em detrimento dos campos lisos, de gramas bem aparadas -, onde driblar os obstáculos era necessário a todo momento.

Expor as condições que fomentam o “torcer” suscita o questionamento de se o vínculo do torcedor com seu time não seria pré-capitalista. Daí se daria a dificuldade dos dispositivos mercadológicos e políticos captarem de forma completa a relação das pessoas com o esporte. No entanto, atualmente, nota-se a presença efusiva, no enlace social brasileiro, tanto das SAF’s (Sociedades Anônimas do Futebol), modelo de gestão empresarial no futebol, em que os clubes se tornam sociedades anônimas, permitindo a entrada de investidores privados, isto é, um dono; quanto das *bets* (apostas esportivas), que funcionam, principalmente, por meio de plataformas virtuais, onde os apostadores escolhem resultados e ganham dinheiro se acertarem¹. Quando acertam. Tal cenário traduz a realidade neoliberal, cujos discursos tendem à despolitização da vida e, por

¹ Beneficiários do Bolsa Família enviaram R\$ 3 bi para bets em um mês, diz BC... - Veja mais em <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2024/09/24/beneficiarias-do-bolsa-familia-enviaram-r-3-bi-para-bets-em-um-mes-diz-bc.htm?cmpid=copiaecola>.

consequente, do futebol. Pois o neoliberalismo rearranja as formas de torcer, uma vez que “recodifica identidades, valores e modos de vida” (Saflate, Silva, Dunker, 2021, p. 11). Dito de outro modo, trata-se de uma gramática que regulamenta o desejo e a vida social. Segundo Brown (2019), o neoliberalismo não se limita a uma política econômica, configurando-se como um projeto político e cultural que busca disseminar seus valores em todas as esferas da vida, incluindo instituições sociais, políticas e culturais, como o futebol.

Entretanto, embora pareça que hoje apenas o clube mais rico logra êxito, torna-se interessante observar que, ao nível de times, devido à supremacia financeira e econômica, o Brasil é soberano nas conquistas mais recentes no âmbito continental. Contudo, no que diz respeito às seleções, a Argentina coleciona uma série de campeonatos importantes - dentre eles, a Copa do Mundo. Ora, abrir as portas para o interesse do capital privado poder gerir um clube significa, em contrapartida, abdicar da própria identidade da equipe. No país vizinho ao nosso, tanto torcedores quanto dirigentes resistem à tentativa da implantação das SAF's, chegando a judicializar a situação². Pois os castelhanos entendem que é prioridade exigir que os clubes cumpram sua função como uma entidade social, isto é, que sejam fortalecidas e mantidas as identidades tradicionalmente constituídas, em uma relação íntima com o território - os conhecidos clubes de bairro que, para Simas (2017, p. 55), representam

espaços em que as comunidades dos bairros estabeleciam estratégias de convívio, expressavam anseios, manifestaram desejos de festa, integração comunitária e participação efetiva no cotidiano de espaços muitas vezes depreciados e esquecidos pelo poder público. Os times de futebol desses bairros não tinham intenção de vencer ou conquistar títulos - a vitória, no caso, era simplesmente existir e proporcionar encontro.

Nessa linha, entendo que o futebol contemporâneo engendra-se em meio a um cenário envolto de processos sociais ancorados na necropolítica³, como a gentrificação dos espaços, o elitismo e a exclusão social, os quais se intensificam com as arenizações, conforme mencionado no início da escrita. Inicialmente, destaca-se a gentrificação tanto da área em que se constrói uma nova arena quanto das reformas de velhos estádios. Berth (2018) conceitua a gentrificação como um processo de transformação urbana em

² SAF na Argentina: governo, clubes e AFA travam batalha que pode definir futuro do esporte no país https://www.terra.com.br/esportes/futebol/saf-na-argentina-governo-clubes-e-afa-travam-batalha-que-pode-definir-futuro-do-esporte-no-pais,7f7496c9dd5c91375e95c3f17fadd812518v405c.html?utm_source=clipboard.

³ De acordo com Mbembe (2003), a necropolítica é um mecanismo pelo qual o poder soberano controla a vida e a morte, definindo quem tem o direito de existir e quem é excluído do projeto social em questão e entregue à própria sorte.

que áreas populares, comumente ocupadas por comunidades de baixa renda, passam por um fenômeno, maquiado pelas nomenclaturas de “modernização” ou “revitalização”, em que se atraem investimentos e novos moradores de classes média e alta, resultando na expulsão dos moradores originais, que não conseguem mais arcar com o custo de vida elevado. Dito isso, as arenas vão ao encontro da perspectiva defendida por Jeudy (2005), de que as cidades atuam como espelhos das dinâmicas sociais, culturais e políticas, refletindo as transformações e contradições da sociedade. Tal conceituação permite pensar que os estádios contemporâneos, como espelhos das mudanças urbanas e sociais, servem como um espaço de consumo, espetáculo e segurança. Ademais, o autor assinala que as cidades, ao refletirem as dinâmicas do laço social, acabam se assemelhando umas às outras. Esse fenômeno ocorre porque as transmutações urbanas são frequentemente influenciadas por modelos globais de desenvolvimento, que priorizam a modernização em detrimento das particularidades locais. Logo, perde-se nas arenas a identidade local, uma vez que a padronização dos estádios negligencia as raízes culturais, ao não preservar a memória dos clubes e das pessoas que os constituem.

Portanto, os atuais certames do ludopédio tendem a características homogeneizadoras, seguindo à risca o padrão mundial. Jeudy (2005) compreende tal evento como um processo global de “museificação”, em que as arquiteturas se parecem. Agamben (2007, p. 64) define museu como algo que expressa uma “impossibilidade de usar, de habitar, de fazer experiência”. Caberia a profanação, restituir ao humano aquilo que está na esfera do sagrado. Mediante o rito, o jogo, derivado de antigas cerimônias sacras, de rituais e de práticas divinas, reestabelece a unidade sagrada (Wisnik, 2008). Ora, se hoje os pavilhões, arquibancadas e gerais cedem lugar às cadeiras para que o torcedor-cliente possa consumir o espetáculo, como se resiste a este modelo de gestão, cujas singularidades locais não são pensadas, tampouco adaptadas? As cenas, que se repetem Brasil afora, de torcedores quebrando as cadeiras nas Arenas - ferozmente condenados pela moral intacta da crônica esportiva - dão pistas disso. Negam-se as imposições feitas pelo futebol contemporâneo.

Pois a tendência atual é de individualizar o espaço coletivo. Para tal, são diversos os dispositivos de controle, como o reconhecimento facial⁴ e a biometria na entrada dos estádios, garantindo a segurança dos espectadores contra qualquer

⁴ Reconhecimento facial será obrigatório nos estádios a partir de 2025. Em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/reconhecimento-facial-sera-obrigatorio-nos-estadios-a-partir-de-2025/>.

inconveniência. O ato agora não responde mais à massa, uma vez que o torcedor - o qual se demonstrou descartável ao mercado da bola, após a pandemia da Covid-19 - tornou-se refém do quadriculamento, cuja definição Foucault (2014, p. 140) resume em: “cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar um indivíduo”. O princípio disciplinar foucaultiano evita distribuições por grupos; destrói as formas de comunicação insurgentes; decompõe as implantações dos coletivos; combate as pluralidades fugidias, aglomerações e as coagulações perigosas.

As arenas tentam desarticular e suprimir a potencialidade daquilo que Caiaffo et al. (2007) chamam de “multidão-potência”, ao apostar na produção de multiplicidades e de alternativas singulares dos movimentos de resistência e criação. Por isso, atento para a importância da luta das principais torcidas organizadas do país com o intuito de garantir, junto à direção dos clubes, um lugar popular, livre de cadeiras, para a festa da massa. Luta que sintetiza a necessidade de grande parte dos frequentadores dos estádios. Nesse viés, Negri (2000) problematiza a multidão como multiplicidade e potencialidade, em detrimento de um mero agregado de indivíduos e demais assujeitamentos produzidos pelas técnicas do biopoder. Desse modo, “a multidão constrói um corpo vital e expansivo no coletivo, cujo processo de produção tem consequências éticas, estéticas e políticas” (Caiaffo et al., 2007, p. 32). É nesse tensionamento entre sagrado e profano; cadeira e arquibancada; matéria e utensílio; artesanal e mercadológico; jogar por amor ou jogar por dinheiro, que Simas (2019, p. 63) afirma:

A história do futebol brasileiro têm muito dessa subversão, que chamo de “esculhambação criativa”: a capacidade de transformar territórios, espaços de controle, em terreiros – espaços de encantamento. Assistimos nos últimos anos à elitização dos grandes estádios, redefinindo como arenas frequentadas por uma clientela com padrão de consumo e comportamento mais adequados aos cinemas congelantes de shoppings e a franquias de botecos de grife. As arquibancadas e gerais, como espaços coletivos de movimentações imponderáveis, soluções criativas no ato de torcer, lugares de abraços suados e eventuais porradas, foram para a cucuia. Saem de cena o maluco fantasiado, a doida da geral, o torcedor cardiopata, o arremessador de chinelo no juiz, o vendedor de laranja-lima. A hora é a do espectador comportado – uma espécie de testemunha da partida, tão vibrante quanto um cágado sob efeito de tranquilizantes.

Nesse sentido, proponho que outra forma de insurgência às práticas normalizantes e mercadológicas ao esporte é o futebol de várzea. Praticado em campos improvisados e espaços comunitários, é uma expressão cultural profundamente enraizada nas periferias da América Latina. Nos bairros periféricos, a várzea sustenta a coletividade e o pertencimento, contrastando com a lógica individualista e excludente

do neoliberalismo. Ademais, o futebol varzeano serve como uma forma de ocupação e reivindicação do espaço urbano, negligenciado pelo poder público. Embora mude os cenários espalhados pelo continente terceiro mundista, o ímpeto quanto a modos de sociabilidade se equipara. Como reforça Toledo (2002), o futebol de várzea é um fenômeno que transcende o esporte, sendo uma prática que reforça identidades locais e resiste à homogeneização cultural imposta pela globalização.

Todavia, em meio a isso, questiono algumas leituras pretensamente críticas ao futebol contemporâneo que romantizam seu contraponto, popularmente intitulado “futebol raiz”, pelo simples direito ao ódio. Os processos excludentes atuais aqui narrados não normalizem mais algumas situações de violência que outrora eram tidas como parte do “folclore” futebolístico, como os casos de homofobia, machismo e racismo. Uma mulher já não passa mais a partida toda apertada sem poder ir ao banheiro. Outro exemplo interessante é a Lei Brasileira de Inclusão, a qual garante uma área reservada para que pessoas com autismo tenham acesso e atendimento adequado nos estádios de futebol.

Como dito anteriormente, em uma realidade que exige reconhecimento facial para ver uma partida, são justamente rostos cobertos por *pasamontañas*, do Exército Zapatista de Libertação Nacional (ELZN), movimento indígena revolucionário do México, que apontaram para as possibilidades da construção de *outros futebóis*, bem como outros mundos possíveis do “exercício da imaginação política na reinvenção material e simbólica do jogo” (Zaramella, 2024, p. 24). Nesse caso, o esporte é usado como ferramenta de resistência cultural e organização comunitária, denunciando as injustiças e desigualdades sociais do modelo econômico vigente e reforçando os valores de coletividade, autogestão e rebeldia. Os *potreros* - como são conhecidos os campos de várzea em alguns países da “extensa e dolorosa” (p. 18) América Latina - reafirmam uma geografia subversiva, em que o Subcomandante Insurgente Marcos (*apud* Zaramella, 2024) adverte que não adianta encontrar desculpas pelo desempenho e “dizer que falhou o goleiro, o zagueiro, o meia, o atacante, o árbitro, o campo íngreme, a lama, a merda do gado, que afinal a goleada recebida não foi tão ruim, que ficaram de fazer revanche outro dia” (p. 77); o Subcomandante conclui:

Vi times multinacionais de autênticos ‘craques’ de bola-ao-pé sucumbirem nos ‘campos de futebol’ do Caracol de La Garrucha. Nessa zona, até as vacas conhecem a magia de rolar uma bola (p. 77).

Portanto, a aposta em um futebol disruptivo ao menos não assegura a derrota; afinal, “não perdemos, nos faltou tempo para vencer” (p. 12), um tempo outro, estrangeiro ao mundo contemporâneo, mas íntimos às aflições das arquibancadas latinas.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2019.

CAIAFFO, Stéfani; SILVA, Rosane Neves; MACERATA, Iacã & PILZ, Christian. Da multidão-massa à multidão-potência: contribuições ao estudo da multidão para a Psicologia Social. *Arquivos brasileiros de psicologia*, Rio de Janeiro, v. 59, n. 1, p. 27-37, 2007.

FREUD, Sigmund. *O infamiliar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HORNBY, Nick. *Febre de bola: a história de um torcedor*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

JEUDY, Henry-Pierre. *Espelho das cidades*. Casa da Palavra, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 2014.

NEGRI, Antonio. *Kairós, alma Vênus e multitude*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SAFLATE, Vladimir; SILVA Jr., Nelson & DUNKER, Christian. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SIMAS, Luiz Antonio. *Ode a mauro Shampoo e outras histórias da várzea*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2017.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec, 2002.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZARAMELLA, Micael. *Rostos cobertos, corações à mostra: futebol, autonomia e luta zapatista*. São Paulo: Autonomia Literária. 2024.